

Modernizar sai caro, não modernizar custa mais

A economia brasileira poderá crescer rapidamente nos próximos anos, disse em São Paulo o professor Edmar Bacha, um dos formuladores do Plano Real. Se as reformas forem aprovadas pelo Congresso Nacional, previu, a expansão poderá chegar a uns 7%, talvez a uns 9% ao ano. Só poderá achá-lo otimista quem não tiver conhecido a segunda parte da história. O preço, advertiu o economista, mal começou a ser pago. Bacha poderia ter lembrado a frase famosa de Milton Friedman, lição preliminar de raciocínio econômico: não há almoço grátis. Neste caso, a refeição — crescimento sustentável, com inflação baixa — deverá ter um custo pesado. O desemprego, hoje na faixa de 5% a 6% da população ativa, poderá facilmente dobrar, quando a privatização tiver ido bastante longe e o ajuste do setor público estiver completo. Será possível diminuir esse custo?

Bacha mencionou exemplos bem próximos, o da Argentina e o do Chile. O desemprego chileno, na pior fase, chegou perto de 17%. O argentino está perto disso e foi maior no ano passado, quando foi mais forte o impacto da crise mexicana. O caso da Argentina é especialmente instrutivo, porque mostra alguns erros evitáveis. Lá, o de-

semprego não resultou só da privatização, do ajuste da administração direta e da modernização industrial. Foi provocado, em boa parte, por dois outros fatos de enormes consequências. Um deles é o congelamento do câmbio, resultante da Lei de Conversibilidade. Como o país, a rigor, não pode mexer no câmbio nem na moeda, porque ambos estão amarrados, todo impacto externo atinge, sem amortecedor, o chamado lado real da economia, isto é, a produção e o emprego. O segundo ponto foi a falta de uma política industrial e comercial. A abertura e a valorização cambial, combinadas, levaram à devastação de setores importantes para a criação de empregos, como a indústria têxtil.

No Brasil, o governo tem mais liberdade para administrar o câmbio. Houve alguma desvalorização, desde o ano passado, e isso tem aumentado o poder de competição da indústria brasileira, como observou o professor Bacha. Mas a reação demorou e isso causou estragos. Depois, o produto nacional tem sido forçado a enfrentar o concor-



rente de fora em condições muito desfavoráveis. Faltou defesa contra a competição desleal, baseada em subsídios e dumping. Não houve preparação para a abertura. Além disso, há um excesso de custos externos à empresa. Esse ponto mal começou a ser atacado.

Essa enorme desvantagem significa, no entanto, que há muito espaço para melhorar. Com mudança nos impostos, apenas iniciada, redução de juros, ampliação de financiamentos, diminuição de custos portuários e mais investimentos em transportes, o poder de competição poderá aumentar muito, sem ser preciso mexer demais no câmbio.

Se o Congresso não ajudar, e o resto das reformas não for adiante, o Executivo ainda poderá, segundo Bacha, garantir um crescimento anual de 3% a 5%, parecido com o de hoje, portanto. Será preciso, para isso, conter o gasto com pessoal e fechar o déficit com a receita das privatizações. Soluções desse tipo são possíveis, sem dúvida, mas de curto alcance. Neste ano, o governo deixou o funcionalismo sem aumento. Não

poderá repetir o truque no próximo ano. Já obterá um êxito político importante se conseguir evitar um reajuste baseado na inflação passada. Depois, gastar a receita da privatização para cobrir o déficit fiscal é má política. Como disse o ex-ministro Mário Henrique Simonsen, é como vender a prataria para cobrir as despesas de restaurante. Mais uma vez é bom olhar o exemplo argen-

Será preciso criar empregos para o pessoal dispensado pela reforma do setor público

tino: o governo equilibrou as contas com dinheiro da privatização e é forçado, agora, a impor um novo pacote fiscal. É preciso evitar esse tipo de saída. Pode salvar a situa-

ção por um tempo limitado, mas, e depois?

As opções não são muitas. Pode-se discutir o pormenor desta ou daquela política, mas, de modo geral, é preciso avançar no ajuste, estimular o investimento, tornar a economia mais competitiva e abrir espaço para mais empreendimentos. Outros países estão fazendo isso. Quem não fizer perderá mais empregos. Esse ponto, pelo menos, é simples.